IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ESPECIFICIDADES AO SE REFLETIR SOBRE GÊNERO E ARTE: FICCIONALIDADE, POLITIZAÇÃO E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

EIXO 03 - ARTEFATOS CULTURAIS, MÍDIAS E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO OS CORPOS, OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES EM DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Hugo Romano Mariano [1]

RESUMO

A partir das áreas da educação musical e dos estudos de gênero, reflete-se sobre as possíveis especificidades educacionais e a relativa autonomia da arte frente ao gênero. São suscitadas duas cenas: 1) transcrição de uma entrevista da escritora Conceição Evaristo sobre a representação da mulher negra na literatura; 2) descrição de um simpósio sobre gênero e música, em pormenores entre ativistas, artistas e pesquisadores. Dialoga-se bibliograficamente com Butler (2018, 2024), Lichte (2019), entre outras. Demanda-se superar a dicotomia gênero-politizado *versus* arte-eclética nas atribuições de sentidos, e evitar leituras mecânicas (generalizadas) no pertencimento das pessoas diversas e do corpo performático, em termos educacionais, estéticos e de enfrentamentos pós-identitários e artísticos.

Palavras-chave: Gênero, Arte, Corpo, Interdisciplinaridade, Interartisticidade.

[1] Doutor pelo Curso de Música da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, hugoromanomariano@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero eclodiram no Brasil na década de 1980, expandindo-se nas ciências humanas em articulação à raça, classe etc., desconstruindo diferenças e desigualdades masculinas, femininas e não binárias. O gênero é um marcador sócio-histórico de identidades e alteridades que constitui os sujeitos e os sentidos nas relações de saber-poder, de ensino-aprendizagem, mediante às culturas e os conhecimentos. Politicamente, desnaturaliza a diferença sexual em diversas áreas (Altmann et al., 2022).

A politização do gênero atravessa diversas áreas de conhecimento, e pode ser observada em meio à abrangência e às disputas daquilo que hoje pode ser entendido como "arte" (conceito contraditoriamente amplo, por vezes, hierárquico, excludente e elitista), perpassa ideais de pertencimento, representação e presença; diante de pormenorizações estéticas, educacionais e socioculturais diversas (Favaretto, 2004, Mariano, 2024).

Por exemplo, na música, as identidades e representações estabelecem percepções em categorias masculinas e femininas, mas jamais absolutas. E as performatividades e performances de pessoas transgêneras, bissexuais e homossexuais podem resultar em acolhimentos ou abjeções à luz das normas de gênero (Mariano; Schroeder, 2021).

Neste trabalho, duas cenas e perspectivas socioculturais e pedagógicas elucidam as possíveis especificidades e a relativa autonomia da arte amalgamada ao gênero. Coadunam aqui reflexões sobre educação musical, música, literatura, cinema e interarte.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CENAS

Cena I – "Ficcionalidade e realidade": Conceição Evaristo, pesquisadora e escritora, levantou uma importante questão em uma entrevista concedida ao canal do Youtube "Leituras Brasileiras", no vídeo "CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência":

> O meu material literário é um material que está profundamente ligado às experiências dessa coletividade negra, e é interessante, porque talvez esta crítica literária não acredite que a experiência negra, que nós autoras e autores negros, a nossa experiência, e que a nossa vivência possa ser matéria de ficção.

> Isso é muito contraditório, porque nós vamos ver várias obras da literatura brasileira que usam como temática, ou que se inspiram inclusive nas culturas africanas, ou afrodiaspóricas, para construir este texto literário... Como a ficção não tem este compromisso com a verdade, e como também o discurso ficcional, no caso dessa literatura que nós criamos, esse discurso ficcional, ele chega justamente cobrindo certa lacuna: o que a história não nos "referece", estou falando da história da ciência. O que a história não nos oferece, a literatura, ela pode oferecer... Esse é um processo criativo que nasce de dentro. Quando eu olho uma doméstica, e aí, eu vou me valer muito do que Miriam Alves fala. Miriam Alves é uma escritora aqui de São Paulo. Quando essa autoria que vem de uma descendência que já experimentou essas posições de subalternidade, então a gente escreve a partir de dentro... Ela diz que quando nós vamos falar, escrever, compor uma personagem que é doméstica, é como se fosse a própria doméstica dentro do quarto, olhando para a patroa na porta do quarto (Evaristo, 2020).[2]

Cena II – "Diálogos difíceis", esta cena diz sobre certos fatos ocorridos em 2021, em uma universidade pública, em um evento acadêmico sobre música e gênero[3]:

> Um importante órgão de uma universidade pública do estado de São Paulo promoveu um evento voltado à compreensão da atuação musical e condição profissional das mulheres no cenário da música de concerto. Foi organizado um simpósio com palestras, seminários e mesas a partir de perspectivas musicais, eruditas e populares, de musicistas, compositoras e regentes, havendo transmissão online, por conta do contexto pandêmico da Covid 19. Era a primeira vez que um evento deste tipo aconteceria na universidade, algo que ocorreu em dois dias, sendo que a última mesa teria a presença de 4 homens: regentes, coordenadores e diretores de projetos sociais, orquestras e coros, nos quais eles promoviam a inserção de mulheres; explicitando assim, o menor número delas enquanto instrumentistas, compositoras e regentes, e ocupando substancialmente o canto e os corais profissionais e amadores. A divulgação do simpósio e, em especial, da mesa formada somente por homens implicou em uma grita nas redes sociais: a acusação de reiteração do machismo e apagamentos das vozes das mulheres, centrais no evento. Esta mesa foi adiada como uma resposta urgente às problemáticas levantadas por ativistas, incluindo artistas e pesquisadores. Em meio a isso, uma professora doutora e compositora, dentro de sua fala enquanto palestrante no evento, mostrou o quanto é raro haver mulheres compositoras e quão invisibilizadas elas podem ser, ainda mais em se tratando de uma mulher que, por exemplo, vai se dedicar à música erudita contemporânea. Segundo ela: "A minoria da minoria!" Mas no encerramento de sua palestra, a referida professora, então, mostrou uma foto branco e preto de seu pai já falecido, um ex-clarinetista, e o homenageou emocionada, evidenciando que foi ele o responsável por sua sensibilidade e profundo amor à música (Caderno de campo, 2021).

As Cenas I e II possibilitam evidenciar os diversos elementos que podem constituir sensibilidades e atribuições de sentidos no amalgamento entre arte e gênero.

---

[2] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY >. Acesso em 05/04/2025.
[3] Os nomes da instituição, do simpósio ou mesmo das pessoas envolvidas não serão expostos.

Evaristo demonstra que o "ficcional", a depender da questão de gênero e raça, é observado como passível de ser negado, sobretudo em função do machismo e racismo.

E dada a invisibilidade nos âmbitos da história tradicional, a ficcionalidade possibilita um modo de contar as histórias dos invisibilizados, o que assiste às questões de gênero, raça e classe, ainda muito omitidas nos contextos elitistas artísticos e da historiografia. Evaristo mostra, em sua "escrevivência" (Evaristo, 2008), a possibilidade de aprofundamentos e críticas às noções tradicionais da estética, frente a invisibilidade.

Na Cena II há o confronto entre perspectivas que podem ser lidas nas diferenças entre militantes e ativistas (enfrentamento) e estético-educacionais (mediação), salvaguardando que esta separação tem finalidade teórica para propiciar compreensões mais precisas sobre politização: para superar leituras mecânicas (generalistas).

É indubitável a inseparabilidade entre ativismo e militância (enfrentamento) e processo pedagógico-educacional da arte e gênero (mediação), mas aqui se foca na necessidade de superar leituras mecânicas (generalistas) de "dentro e fora" da arte.

Tais fenômenos (dentro-fora) são quase sempre indissociáveis, contudo analiticamente podem demonstrar as especificidades ao se refletir sobre as construções de sentidos (Nassif, Schroeder, 2019; Mariano, 2024); isto a favor das compreensões da politização, estetização e mediação pedagógica no referente ao gênero e à arte.

Como apontam Mariano e Altmann (2022), há de se superar a dicotomia gênero-politizado *versus* arte-eclética, porque ambos se fundamentam em vieses estéticos, educacionais e ativistas, mas nem sempre na mesma proporção ou função em cada área.

Pode-se voltar também aos detalhes envolvendo as dimensões do eu e eu lírico, da pessoa e da personagem, também do ativismo, da representação e da ficcionalidade. Por exemplo, a empregada doméstica que retrata artisticamente suas vivências (Cena I), ou a professora universitária mostrando a raridade de ser mulher compositora e ovacionando seu pai, e de outro lado outros acadêmicos usando das militâncias mais próximas das ciências humanas para criticarem a mesa formada por homens (Cena II).

Isto evidencia a complexa relação e inseparabilidade entre performance artística e acadêmica e performatividade de gênero, em enfrentamento e mediação. E diz respeito também ao fato de que o gênero se expandiu nas ciências humanas em *modus operandi*. Ou seja, o gênero carece ainda de ser percebido nas condições "estritas" da área da arte.

Tal delimitação pode ser ainda entendida por meio da "estética do performativo" (Lichte, 2019), conceito que vai demonstrar como, a partir dos anos 1960, as artes cênicas, a música e a literatura constituem uma virada performativa centrada no corpo do artista, questionando a separabilidade entre sujeito e objeto artístico, entre o público e a obra: "entre estético e não-estético, entre arte e não-arte, bem como para retomar, neste contexto, a questão da autonomia da arte nos nossos dias" (Lichte, 2019, p. 437).

Lichte, dialogando com Butler (2018), compreende que:

> O corpo, na sua materialidade específica, é o resultado da repetição de determinados gestos e movimentos; são estas ações que, em primeiro lugar, produzem o corpo como algo individual, sexual, étnica e culturalmente localizado. A identidade – enquanto realidade corporal e social – é sempre constituída através do ato performativo (Lichte, 2019, p. 47).

E para Goellner (2013, p. 25): "os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa motivação."

Nisto, as generalizações do "tudo é político" e da "arte pela arte", em compreensões idealistas e romantizadas, demandam contextualizações sobre o corpo, sensibilidade e ato performativo: contra os padrões hierarquicamente generificados.

Então, mediação pedagógica, ativismo e estetização (em ficcionalidade e enfrentamento) não são pétreos, estáticos. São agências estéticas, políticas e educacionais em disputas e fluxos: em coalizões não definitivas (Butler, 2024).

Butler, Lichte e Evaristo, neste arranjo, possibilitam compreender que o performativo instaura certa centralidade no corpo, e as oposições entre ficção e realidade, vivência e arte, obra e público, eu e eu lírico estão alteradas, quase sempre ininteligíveis. "As posições do sujeito e do objeto deixaram de estar claramente definidas e de se distinguir entre elas" (Lichte, 2019, p. 22): sentidos em disputas no "ecletismo" artístico.

Evaristo (2008) e Butler são acionadas naquilo que diz respeito à "precariedade" de uma vida vivível ou uma morte "simbólica", social ou literal dos sujeitos subalternos. A arte, em liberdade e pluralidade, requer os sentidos amplos dos atos performativos e corpos generificados, racializados e empobrecidos: em ficção, poética e representação.

Nisto, Leandro Colling (2021, p. 16-17) aponta que é "complexo diferenciar performance de gênero e performatividade de gênero, porque as obras e as vidas dos/as artistas são indissociáveis e, muitas vezes, a própria identidade de gênero e sexual é o motor das performances". Salvaguarda-se disto que o ato performativo não é um absoluto, mas pode ser tomado para se compreender certos sentidos tradicionais e atuais de arte.

Então se observa que os contextos de performance tradicional (mais afeitos à separação entre obra, artista, público; da música de concerto, por exemplo) passam a ser atravessados por elementos que são mais das artes performáticas (Mariano, 2024).

Enquanto na Cena I há críticas à ficção para superação do machismo e racismo, na Cena II há ações emancipadoras do gênero simultâneas ou separadamente acadêmicas, ativistas e artísticas, mas no *modus operandi* das ciências humanas (Altmann et al. 2022) e na penumbra da arte. Em ambas, vê-se a politização frente às especificidades do estético.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apontar as especificidades relativas ao amálgama entre gênero e arte não é recair no binarismo, mas fomentar mediações pedagógicas diante das noções de enfrentamento, ficcionalidade e estética, pois as contribuições das ciências humanas aos estudos de gênero incidem tanto em crítica quanto na relativa autonomia da arte. E isto pode possibilitar coalizões, em demandas por mais inteligibilidade, inclusão e pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de gênero amalgamados à arte demandam a superação da dicotomia gênero-politizado *versus* arte-eclética, e evitar leituras mecânicas (descontextualizadas); sendo a relativa autonomia da arte, em politização, enfrentamento e ficcionalidade, mediada a favor da inclusão, ou seja, contrária as desigualdades de gênero, raça e classe.

E diz Conceição Evaristo: "a arte é uma válvula de escape, e a literatura para mim, essa criação, é a possibilidade que tenho de sair de mim mesma, de indagar o mundo, inventar um outro mundo, e apresentar a minha discordância com esse mundo."

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; MARIANO, Hugo R.; PEREIRA, Maria E. R.; Cruz, Pâmela S. G.; MARTINS, Deise, S.; CORACINI, Lucas, F. A. *Unicamp de portas abertas 2022: oficinas sobre gênero ministradas para discentes, docentes e familiares que visitaram a universidade*. Revista Diversidade e Educação, v. 10, n. 2, p. 17-46, 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. 16° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

COLLING, Leandro. O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero? *Urdimento*, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1-19, mar./abr. 2021.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. *Releitura*, Belo Horizonte, n° 23, p. 5-11, nov., 2008.

FAVARETTO, Celso Fernando. *Moderno, pós-moderno, contemporâneo*: na educação e na arte. 2004. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LICHTE, Erika F. *Estética do performativo*. Portugal: Orfeu Negro, jun., 2019.

GOELLNER, Silvana V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELLES, Priscila G. WENTZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria S. V. (Org.). *Educação física e gênero*: desafios educacionais. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2013.

MARIANO, Hugo R.; ALTMANN, Helena. Gênero e arte, ecletismo e politização: reflexões sobre a exposição "queermuseu" em uma disciplina de graduação. *Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*. Campina Grande: Realize Editora, 2022.

MARIANO, Hugo R. *Educação musical no conservatório e estudos de gênero: uma análise das relações de ensino-aprendizagem*. 230 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Artes, Campinas, SP, 2024.

MARIANO, Hugo R.; SCHROEDER, Jorge L. Reflexões sobre o corpo a partir da educação musical e dos estudos de gênero. *Anais do XIV Encontro de Educação Musical da Unicamp* - EEMU 2021 – Campinas, SP: IA/UNICAMP, 2021.

NASSIF, Silvia C.; SCHROEDER, Jorge L. Apreciação musical para não musicistas – Uma proposta a partir das ideias do Círculo de Bakhtin. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 1-28, 2019.